

CARNAVAL DO RECIFE (BRASIL) E DE LISBOA (PORTUGAL): HERANÇA E TRADIÇÃO- FESTEJO SOCIOCULTURAL

CARNIVAL OF THE RECIFE (BRAZIL) AND LISBON (PORTUGAL) : HERITAGE AND
TRADITION - FEAST SOCIOCULTURAL

EL CARNAVAL DE RECIFE Y EL DE LISBOA: HERENCIA TRADICIÓN -FESTEJO
SOCIOCULTURAL

Anelino Francisco Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
aikosnelus@ufrnet.br

Resumo

Este artigo aborda o carnaval do Recife – Pernambuco, Brasil e de Lisboa – Portugal, que resulta de pesquisa de pós-doutoramento. A compreensão das festas populares envolve a observação, a exploração teórica e a reflexão. As festas populares desses dois espaços apresentam semelhanças entre si, no que diz respeito ao entendimento cultural. No período carnavalesco enfatizam-se as origens do divertimento, calcadas nas práticas do povo, de natureza ritual ou simbólica, encantamento festivo, por seu significado e representação sociocultural. Há também o encadeamento de estratégias de expressão socioespacial e econômica. O carnaval expressa dimensões de uma sociedade formada pela totalidade de suas heranças cultural, econômica e histórica, por ela moldada. Ele como festa que é detém o sentido de cultura popular. A dimensão socioespacial expressa formas e estruturas, representação e significado, que torna essa festa uma tradição, eminentemente popular.

Palavras-chave: Carnaval, Cultura popular, Significado, Representação, Tradição.

Abstract

This article shows the carnival of Recife - Pernambuco , Brazil and Lisbon - Portugal , which results in post-doctoral research. The understanding of the folks festivals involves observation, theoretical exploration and reflection. The folks festivals these two spaces show similarities between them, regarding to cultural understanding . At the carnival period emphasizes the origins fun, with mainstay in practices of the people, ritual or symbolic nature, enchantment festive, for its meaning and sociocultural representation. There is also a chain of strategies and socio- economic expression. Carnival shows the dimensions of a society formed by the totality of its cultural heritage, economic and historical, shaped by it. It as the party's own sense of popular culture . The socio-spatial dimension expresses forms and structures, representation and meaning, which makes this festival a tradition , eminently popular.

Keywords : Carnival, Culture folk , Meaning Representation , Tradition

Resumen

Este artículo aborda el carnaval de Recife (Brasil) y el de Lisboa (Portugal). La comprensión de las fiestas populares envuelve la observación, la participación y la explotación teórica. Esa fiesta popular desas dos ciudades presenta semejanzas entre sí. El festejo carnavalesco enfatiza los orígenes del divertimento, calcadas en las prácticas del pueblo, de la naturaleza ritual o simbólica, encantamiento festivo, por su significación y representación sociocultural. Presenta también el encadenamiento de estrategias de orden económico. Evento de expresión socioespacial, el carnaval expresa dimensiones de una sociedad formada por la totalidad de sus herencias culturales e de imágenes, por ella moldeada. El carnaval, mientras fiesta trasparece el sentido de cultura popular, pues, en su dinámica cultural es la expresión de relajación y de la alegría que florece en el seno de las sociedades o de los grupos. Las comparaciones entre esos dos tipos de

fiestas, el caso de Recife y lo de Lisboa, lejos de apuntar elementos comunes, parecen, sin embargo permitir interrelaciones.

Palabras clave: Carnaval, Fiesta popular, Cultura popular, Tradición.

Introdução

O carnaval festa da cultura popular tradicional, agora reinventado, é sempre particular e local, mas agrega uma disposição em redes. Sob o signo da diversidade cultural, compartilha-se a dinâmica da festa, considerando a natureza particular do espaço e do lugar, na agenda global. A dimensão sociocultural envolve o cultural e a diversão, que têm na tradição fatores que dinamizam, também, o de ordem econômica.

Tratar-se-á do carnaval que ocorre em Recife, ocupando o corredor central da folia, onde blocos e troças carnavalescas desfilam acompanhados por multidões de foliões e do carnaval de Lisboa, uma estrutura menos dinâmica do que a do Recife, mas a festa tem seus foliões e apreciadores, que, na terça-feira (também chamada de terça gorda), vão ao corredor da folia apreciar as agremiações.

As festas se espraiam e se consolidam cooptadas pelas políticas públicas de cultura, que, estabelecem dimensões de forma e estrutura. Os carnavais ao longo de sua história têm gerado postos de trabalho temporários, produzindo um estado de envolvimento na geração de renda.

O carnaval enfatiza sua origem na tradição, sendo calcado nas práticas do povo, de natureza ritual ou simbólica. O “carnaval multicultural” de Recife espelha a lógica da diversidade cultural, espraiada sobre o território pernambucano que desde 1986 é organizado em polos¹, que agrupa as manifestações culturais, segundo sua identidade.

Trilhar o imaginário social dos homens é interpretar as representações simbólicas que dão significado à realidade e que exprimem valores e formas tangíveis na sociedade. O imaginário sempre está ligado ao processo de construção de um grupo social ou de uma nação. A sociedade produz um sistema de representação, no qual ocupam um lugar à parte os símbolos e as imagens transmitidos, que legitimam a ordem estabelecida.

A referência do imaginário social conduz ao estabelecimento da identidade. Nesse compasso, torna-se possível compreender que só “através de seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade, elabora certa representação de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõem crenças comuns” FERNANDES, 1999).

Pensar a identidade e a representação produzida a partir do carnaval popular do Recife, e de Lisboa nos leva a identificar processos construídos e reconstruídos para a festa carnavalesca, na atual contemporaneidade, o que caracteriza e o internaliza, enquanto cultura popular, revisitada.

¹ O termo “polo” foi utilizado no carnaval em 1986, quando a prefeitura da cidade do Recife/Fundação de Cultura da Cidade do Recife decide promover a descentralização dessa festa e dar aos foliões a opção de conhecer mais de perto ritmos específicos. Para isso, regionalizou-se a cidade em polos de animação. Estes, no entanto teriam que se concentrar, a fim de atender às diversidades das agremiações, que fazem da multiculturalidade o cerne do carnaval recifense.

Encantamento da cultura dos carnavais: diversidade e peculiaridades

O carnaval, pelo encantamento festivo e significação socioespacial, possibilita um encadeamento socioeconômico que tem criado caminhos estratégicos de sobrevivência. Como evento de expressão cultural, reflete o fato de que a cultura de uma sociedade é formada pela totalidade de sua herança socioespacial.

Nesses termos, o desenvolvimento econômico tem forte impacto sobre os valores culturais. A percepção que se tem da dinâmica do carnaval faz refletir o posicionamento festivo e extrovertido de uma sociedade, o que sugere a interpretação de que o desenvolvimento econômico gradual leva a mudanças socioculturais.

Em seu significado e em sua representação, o carnaval pode ser interpretado como festa popular que atrai as pessoas a participarem ativamente dela, como foliões ou como comerciantes. Vendedores e comerciantes formais e informais fazem da festa um grande mercado público. O fato é que essa festa tem gerado uma economia e relações, pois ao lado do belo, do rico, há crianças e famílias que dormem nas ruas, enquanto trabalham na festa. E os seguranças dos blocos (os cordeiros) que trabalham sem equipamentos de proteção.

Dessa complexidade da festa, é também construída uma identidade visual forte e original, motivo pelo qual as artes plásticas e as músicas têm garantido o deslumbramento que o carnaval proporciona. A cidade se fantasia com uma diversidade de materiais utilizados no projeto cenográfico, tais como: bonecos na rua, adesivos vinílicos, MDF, tecido, espuma e arame. Esses recursos têm conferido ao carnaval identidade visual capaz de empolgar os olhares das pessoas que brincam ou que transitam pelos espaços, ou polos, de animação, na cidade do Recife, por exemplo (SILVA, 2013).

Além disso, o carnaval tem, na cidade do Recife um desempenho em que se destacam nas ruas os blocos, troças, maracatus, escolas de samba e foliões, a brincar nos dias de folia. Nos bastidores da folia, como no trabalho de cenografia da festa de rua, criam-se elementos indutores de identidade e da tradição do povo recifense com a festa popular. Além disso, o imaginário coletivo tende a uma recorrência das figuras importantes do carnaval, que estabelece sinais de materialização do real, uma vez que, neles, são sempre homenageadas pessoas ligadas à grande festa.

No carnaval, a linguagem cultural é o popular; daí porque o Galo da Madrugada² consegue aglomerações de milhões de foliões. E, do ponto de vista da economia, movimenta uma estrutura grandiosa, gerando condições para que artistas – músicos, cantores locais, regionais e nacionais – e outras pessoas se apropriem das ruas e de outros espaços da festa. É dessa forma expressiva que o carnaval do Recife acontece, numa dinâmica espetacular, em que a cidade é tomada pelos foliões (SILVA, 2013). É que a rua é do povo, e é nela que as pessoas se sentem à vontade, pelo menos durante o carnaval (DAMATTA, 1997).

²A dimensão do bloco “Galo da Madrugada”, no carnaval da cidade do Recife, apresenta uma dinâmica própria e expressa uma riqueza de significados. Nesse aspecto, os blocos não são estruturas fixas, mas um *continuum* de tradições, mutações e saudosismo.

A diversidade cultural é uma fonte de dinamismo social e econômico que pode enriquecer a vida humana, suscitando a criatividade e fomentando a inovação. As tecnologias da informação oferecem às pessoas perspectivas sem precedentes para criarem e compartilharem conteúdos culturais e ideias.

Cascudo afirma que o carnaval do Recife pode ser apreendido pela peculiaridade de ser “participação coletiva popular na onda humana que se descola, contorce e vibra na coreografia, a um tempo pessoal e geral do frevo, com sugestões irresistível de suas marchas-frevo pernambucanas” (CASCUDO, 1979, p. 198). Cascudo apreende nessas peculiaridades da festa carnavalesca a construção da identidade para a folia. Segundo ele, as “festas negras de congo, bastante comuns em Pernambuco no século XVIII, são destacadas como a grande raiz carnavalesca” (CASCUDO, 1979, p. 377). Capta-se na interpretação de Ferreira (2004), que a matriz popular do carnaval do Recife e de Pernambuco, seja o maracatu.

As imagens do desfile de congo vão elaborando diferentes formas de se ocupar o espaço carnavalesco, e a consequência disso é a construção da folia múltipla, numa expressão de diálogo entre as “diversas ‘culturas’ presentes no Carnaval recifense” (FERREIRA, 2004, p. 379).

Já em 1857, a festa carnavalesca da cidade do Recife se caracterizava como um conjunto de foliões que desfilavam imitando os engenheiros ingleses ligados à construção da estrada de ferro e da empresa de iluminação a gás da cidade. Estabelecia-se uma performance para a festa, produziam-se outros tipos de brincadeiras peculiares ao espaço urbano e a sociedade recifense (FERREIRA, 2004, p. 378-379).

No carnaval do Recife, identifica-se uma origem e uma evolução particulares, “um modo de dar um caráter próprio à brincadeira que tomava conta da cidade desde sua formação, com o indefectível Entrudo” (FERREIRA, 2004, p. 376). Essa festa imprime relações entre o “poder e as festas negras em Pernambuco”, ressalta Ferreira (2004), apontando também o caminho percorrido pela folia da região.

Para esse autor, sendo o carnaval “herdeiro direto” dos congos negros, o maracatu seria erigido como a grande matriz popular do carnaval da região, ressaltando-se a própria origem do nome, vinculado ao termo genérico ‘maracatu’, “[...] para designar ajuntamento de negros, durante a festa em honra a Nossa Senhora do Rosário.” [...] “os maracatus seriam eleitos como verdadeira essência popular da festa carnavalesca Pernambucana apresentando-se como uma expressão característica da região” (FERREIRA, 2004, p. 376-378).

Contudo, o frevo, ritmo peculiar da região, seria classificado como uma das formas regionais de manifestação cultural nacional a partir dos anos de 1920 “[...], tal como se deu com o maxixe e o samba. As origens do frevo como ritmo e coreografia estavam longe de se estabelecerem como uma raiz essencialmente negra, apresentando-se na verdade como um excelente exemplo dos múltiplos diálogos entre as formas carnavalescas presentes nas ruas recifenses” (FERREIRA, 2004, p. 380).

Lima (2001, p. 16) diz que o carnaval urbano do Recife é solidificado pela “cultura negra que se evidencia nos maracatus nação, nas escolas de samba, nos afoxés. O indígena é percebido nas tribos de caboclinhos, nas tribos de índios, no caboclo de lança e nos tuxáus do maracatu rural; aspectos das realizações européia e principalmente portuguesa são característicos nas apresentações dos clubes de frevo e

das troças, nos seus estandartes, nas figuras de destaques, na sua estrutura de desfile, na formatação do cortejo”.

Esses diálogos constituem o chamado “carneval multicultural do Recife”, que ocorre num processo real e imagético. Esse formato de festa carnavalesca atrai multidões das mais distintas classes sociais, que têm nessa manifestação cultural o orgulho e o forjar de sua identidade, como festa popular e civilizatória.

O modo de brincar o carnaval – a marcação da música – permite que, inspirados pelo som vibrante emitido pela orquestra, os foliões dançam livremente, marcando os passos no compasso rítmico do frevo.

É importante lembrar que, até meados do século XX, o carnaval era estruturado num sistema rígido: as camadas sociais baixas jogavam o entrudo, atirando farinha e água suja nos rostos das pessoas, num vale-tudo brutal; já as famílias burguesas assistiam aos bailes de máscara nos teatros. Quando ocorreu a reestruturação dessa festa, o proletariado urbano encontrou novas formas de expressão e divertimento. Foi nesse momento que surgem os blocos, os cordões e os ranchos carnavalescos. Estes últimos constituem-se, seguramente, no principal objeto da crônica do carnaval das décadas de 1910 a 1930 quando a cobertura dos festejos, iniciada em dezembro, prolongava-se até abril e maio, num espaço identificado como *Echos do Carnaval*.

Em meados de 1870, os ranchos adotaram a formação das procissões religiosas dos ranchos dos reis nordestinos. No início do século seguinte, modernizaram-se, numa trajetória de “ascensão social”, deixando de ser coisa exclusiva de negros para admitir a mestiçagem e o semieruditismo. Pode-se dizer que, nos primeiros anos do século XX, os diferentes grupos sociais do Rio de Janeiro divertiam-se em diferentes carnavais: os grupos proletários, na Praça Onze; os pretos, mestiços e brancos situados logo acima da ralé, nos ranchos; e os ricos, nos cursos com automóveis e nas grandes sociedades.

O carnaval brasileiro é, na verdade, um produto de diversos discursos e “[...] vem sendo lentamente elaborado através de variadas disputas de poder. Elite, povo, governo [...], jornais, rádios, gravadoras, televisão [...] trios elétricos, Recife, São Paulo e frevos são alguns muitos atores envolvidos na construção de um significado para a grande festa nacional. É a disputa de poder envolvida na determinação do que é este ‘nosso’ carnaval [...]” (FERREIRA, 2004, p 12).

Nesse contexto, Lima (2001) apresenta a estrutura do carnaval do Recife, que, a princípio, tem representatividade espacial e cultural no Nordeste oriental brasileiro. Aponta a autora que, no século XVI, as:

Companhias de Carregadores de Açúcar e as Companhias de Carregadores de Mercadorias geralmente se reuniam para estabelecer acordo no modo de realizar alguns festejos, principalmente para a Festa de Reis. [...]. Reuniam-se cedo, formando cortejos [...]. Caminhavam improvisando cantigas em ritmo de marcha e os foguetes eram ouvidos em grande parte da cidade (LIMA, 2001, p. 111; SILVA, 2013, p. 41).

No Século XVIII os Maracatus de Baque Virado ou Maracatus de Nação Africana [surgiram] de uma Coroação de um Rei Negro, em 1742 à coroação do primeiro Rei do Congo, realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da Paróquia da Boa Vista, na cidade do Recife [...]. (LIMA, 2001, p. 111-112; SILVA, 2013, p. 41).

Século XIX – [...], em 1888, os padrões e autoridades da época permitiram que surgissem as primeiras agremiações carnavalescas, formadas por operários urbanos nos antigos bairros comerciais. [...], possivelmente o primeiro clube que apareceu foi o dos Caiadores. Sua sede ficava na Rua do Bom Jesus, tendo como um de seus fundadores um português de nome Antônio Valente. Na terça-feira de Carnaval, à tarde, o clube comparecia à Matriz de São José, tocando uma linda marcha carnavalesca [...]. Outros Clubes existiam no bairro do Recife: Xaxadores, Canequinhas Japonesas, Marujos do Ocidente e Toureiros de Santo Antônio (LIMA, 2001, p. 113; 2013, silva, p.41-42).

Conformavam-se, assim, as festas carnavalescas da cidade do Recife, tendo como elemento norteador a tradição baseada nas festas religiosas. O carnaval do Recife se destaca pelas diversas sociedades carnavalescas e recreativas. Dentre todas, destacava-se:

O Clube Internacional, chamado clube dos ricos, cuja sede situava-se na Rua da Aurora, no Palácio das Águias. A Tuna Portuguesa, hoje Clube Português, tinha sua sede na Rua do Imperador. A Charanga do Recife, sociedade musical e recreativa, tinha sede na Avenida Marquês de Olinda e a Recreativa Juventude era uma agremiação que reunia em seus salões a mocidade do bairro de São José. O Carnaval do início deste século era realizado nas ruas da Concórdia, Imperatriz e Nova, onde desfilavam papangus e máscaras de franjas rendadas enfiadas na cabeça e saias da cintura para baixo e outra por sobre os ombros. Esses mascarados sempre se apresentavam em grupos (LIMA, 2001, p. 115; SILVA, 2013, p.42).

Nessa época, na cidade do Recife não havia eletricidade e, segundo Lima (2001, p. 115), “a iluminação pública era feita com lampiões queimando gás carbônico”. Os foliões de então se utilizavam dos transportes dos subúrbios para a cidade. Havia os trens da Great Western e da Trilhos Urbanos do Recife (maxambombas), os quais traziam os foliões da Várzea, de Dois Irmãos, de Arraial, de Beberibe e de Olinda. A Companhia de Ferro Carril, com bondes puxados por burros, traziam foliões de Afogados, de Madalena e da Encruzilhada. Entre 1904 e 1912, apresentavam-se os seguintes clubes: Cavalheiros de Satanás, Caras Duras, Filhos da Candinha e U.P.M., este último assim denominado como pilhéria com os homens que não tinham mais virilidade (LIMA, 2001; SILVA, 2013, p. 42-43).

Os cursos que, se realizavam em espaços apropriados emprestavam beleza aos dias dedicados ao momo. Viam-se pessoas fantasiadas a desfilar, em carros decorados ou não, ao longo de algumas ruas e avenidas.

Na gênese da própria sociabilidade humana, atribui-se à festa um sentido mágico e comunitário. Na concepção da ciência geográfica, ela é de natureza geocultural, pois exprime uma prática, representando uma válvula de escape ao constrangimento da vida cotidiana e da economia. Passa-se da prodigalidade à exuberância, sendo comuns as manifestações de excesso: dos mais ricos, por ostentação; dos mais pobres, por compensação. Essa comemoração se interrelaciona não só com a produção, mas também com os meios de trabalho, exploração e distribuição, sendo, portanto, consequência das próprias forças produtivas da sociedade.

No carnaval, se registra “como tendência fixar as preferências da juventude e as necessidades da sociedade de uma forma original e bem-humorada, utilizando a sabedoria e a alegria popular, travestida de

folia” (LIMA, 2001, p. 16). Ele é a personificação da cultura do povo a se estabelecer de diversas formas e representações, pois pluraliza e diversifica todos os tipos de folguedos.

Espacialização do carnaval: os polos, os circuitos e os corredores culturais

A diversidade e a dinâmica do carnaval do Recife, nos últimos anos da segunda década do terceiro milênio, irradiaram-se numa estrutura espacial denominada polo³, instaurada em 1986. O carnaval multicultural do Recife se espalha por toda a cidade e tem nos polos os espaços onde as agremiações se apresentam. Os polos agrupam os diversos formatos da cultura popular na festa/evento. São eles: “Polo das Agremiações, Polo Afro, Polo das Fantasias e Carnaval Infantil, Polo das Tradições, Polo de Todos os Frevos, Polo de Todos os Ritmos, Polo Mangue-Festival REC BEAT, Polo Recife Multicultural, Polo Descentralizado e Polo Comunitário” (SILVA, 2013, p.45). Eles estão presentes também nas comunidades das seis RPAs da cidade: Brasília Teimosa, Chão de Estrelas, Casa Amarela, Nova Descoberta, Alto José do Pinho, Jardim São Paulo, Ibura e Bomba do Hemetério. O que os caracterizam são as diversidades culturais(SILVA, 2013).

No Polo das Agremiações, os foliões brincam e os admiradores se empolgam com os desfiles de bois, ursos, troças, clubes de frevo, escolas de samba, clubes de bonecos, maracatus de baque solto e de baque virado, caboclinhos e blocos de pau e corda. Nas arquibancadas da Av. Nossa Senhora do Carmo, as pessoas não só admiram a grandeza das apresentações, mas, também se emocionam com elas.

No Polo de Frevo, desfilam as troças carnavalescas, os clubes de frevo, clubes de boneco e blocos de pau e corda. Esse espaço é dedicado ao frevo: ritmo que é talvez a marca maior do carnaval do Recife. O trajeto vai da rua da Moeda até a Alfredo Lisboa, onde acontece a dispersão, passando pelas ruas Mariz e Barros, Apolo, Travessa do Bom Jesus, além das ruas da Guia e Dona Maria Cézar.

O Polo das Tradições respeita e valoriza a tradição. No domingo de carnaval, acontece uma animada manhã de sol em um tradicional mercado público da cidade. Esse polo mostra ao grande público as tradicionais agremiações carnavalescas do bairro da Boa Vista e adjacências, além de *shows* artísticos apresentando o mais autêntico carnaval pernambucano.

No Polo Recife Multicultural, no Marco Zero, a cidade celebra toda a multiculturalidade. Jovens, crianças, famílias inteiras, turistas, admiradores da cultura pernambucana, reúnem-se para brincar e assistir aos desfiles das agremiações. Nesse espaço, ocorrem os encontros de tradicionais blocos de frevo, caboclinhos, blocos de pau e corda e maracatus. O palco é ponto de encontro da diversidade cultural brasileira, reunindo os mais importantes nomes do carnaval pernambucano e artistas nacionais e internacionais convidados para o evento.

No Polo das Fantasias, podem-se reviver os antigos carnavais. Instalado na Praça do Arsenal, bem próximo ao Marco Zero, esse polo traz de volta os carnavais tradicionais com toda a sua beleza, inocência e poesia. O palco também recebe artistas nacionais e regionais. Nesse

³ Nessa gestão também se garantiu o bloqueio das pontes centrais da cidade para a realização dos bailes populares e a ampliação da semana pré-carnavalesca.

espaço, as crianças descobrem o que é brincar o carnaval e aprendem quanto é importante valorizar sua cultura.

Na área do Polo Afro, a cultura negra é valorizada, num espaço só seu. É o revisitar as raízes culturais fortemente presentes no povo brasileiro. Nesse sentido, o polo recebe afoxés, maracatus – inclusive mirins –, blocos afro, baterias de escolas de samba e *shows* de *reggae*. Acontece, ainda, a famosa cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos, que atrai inúmeros turistas e tem sempre atenção especial da mídia nacional e da internacional.

Já no Polo de Todos os Frevos, são executados os autênticos frevos pernambucanos. A intensão é perpetuar essa cultura popular. O polo carnavalesco é formado pelo Palco de Todos os Frevos, Corredor do Frevo e mais três estações, por onde passam blocos, troças, clubes de frevo e as freviocas. No domingo de carnaval, acontece a tradicional e concorrida manhã de sol, no mercado público da Boa Vista, quando os foliões iniciam oficialmente a participação na festa, saudando a população e cantando as velhas marchas carnavalescas.

No Polo de Todos os Ritmos, os foliões das mais variadas classes sociais e faixas etárias celebram a multiculturalidade da cidade. Aí, num dos lugares mais antigos e belos de Recife, abençoado pela igreja de São Pedro, pode-se dançar coco, afoxé, ciranda, *manguebeat* e maracatu, sambar com as escolas de samba, frevar ao som de orquestras e assistir aos desfiles dos “ursos” e “bois”.

No Polo Mangue, acontece o festival Rec Beat, no qual a cena alternativa da cidade é retratada com toda a qualidade e a irreverência. É o lugar preferido pelos jovens do Brasil e do mundo, que procuram algo a mais no carnaval. Eles encontram a Tenda Eletrônica Manguetown, do Rec Beat, que inova nos sons e nos desfiles do Manguefashion. Na semana anterior ao carnaval, acontece um festival musical, que projeta a vanguarda recifense.

Em síntese o carnaval é organizado dentro de um arranjo em que: no domingo gordo, há folia para crianças e adultos no bairro do Recife; na segunda-feira, acontece a Noite dos Tambores Silenciosos; e, na terça-feira, a grande apoteose, com *show* do maestro Spok e convidados.

Em 2010, por exemplo, o carnaval do Recife comportou *shows* e apresentações de agremiações nos polos carnavalescos. Foram investidos R\$ 29 milhões entre apoio e patrocínio da iniciativa privada. Apresentou um fluxo global de 706 mil visitantes, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH –, gerando uma movimentação financeira de R\$ 415 milhões⁴. Segundo a Abrasel⁵ cerca de 255 mil pessoas circularam pela Central do Carnaval. Nos polos, ocorreram apresentações de 800 agremiações, 390 *shows* e 340 atrações de palco (ABRASEL, 2010).

A espacialização do carnaval via polos traz comodidade, conforto e segurança para os foliões e turistas. Os *shows* são gratuitos, ao ar livre e de alta qualidade. O modelo “carnaval multicultural” sempre homenageia pessoas conhecidas da cidade e do estado, como foi o caso das homenagens feitas a Getúlio

⁴Consultado em “Recife recebeu 706 mil visitantes no Carnaval de 2010”, disponível em <http://www.pe.abrasel.com.br>

⁵ Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, seção de Pernambuco. As informações encontram-se no *site*: <http://www.pe.abrasel.com.br/arenagastronomica>.

Cavalcanti e ao artista plástico Vicente do Rêgo Monteiro (*in memoriam*), dois nomes da cultura pernambucana.

Em sua concepção do abre alas para as diversas formas culturais, o carnaval é realizado em sua essencialidade nas ruas da cidade e, desse formato, se torna diferente do de Lisboa, que se realiza num corredor – sai da Praça do Comércio, Rua Augusta, até a Praça do Rossio, onde acontece a dispersão.

O Galo da Madrugada em Recife e o Enterro do Galo em terras portuguesas

Na fase contemporânea (segunda década do terceiro milênio) do carnaval do Recife, em Pernambuco, Brasil, o bloco Galo da Madrugada, em sua versatilidade carnavalesca e cultural, comanda a festa e o folião, pelas ruas centenárias do bairro de São José, onde nasceu essa agremiação. A cidade vive momentos de esplendor e o inebriamento dos foliões do Estado e de turistas, que lá estão para brincar e divertir-se na festa, no bloco, ao som de músicas carnavalescas: o ritmo do frevo, por exemplo e, outros ritmos e músicas que caíram no “gosto” da população.

A apoteose do desfile dá-se na Avenida Guararapes, centro do Recife. Quando as orquestras de frevo executam o hino, a multidão grita: “Ei, pessoal, vem moçada Carnaval começa no Galo da Madrugada / A manhã vem surgindo, o sol clareia a cidade com seus raios de cristal / [...]. / As donzelas estão dormindo, as cores recebendo o orvalho matinal / E o Galo da Madrugada já está na rua saudando o Carnaval / [...] / O Galo é de briga / As esporas afiadas e, a crista é de coral / E o Galo da Madrugada já está saudando o Carnaval” (CHAVES, 1979; SILVA, 2013, p. 51).

Nesse empolgamento e frenesi, os foliões acompanham o bloco fantasiados – de pierrô, de palhaços, de Lampião e Maria Bonita (quase sempre são casais), dançando no ritmo executado pelas orquestras, o frevo tem marcação inebriante. Basta os clarins iniciarem os primeiros acordes musicais para que as pessoas presentes comecem a movimentar o corpo, dançando no ritmo. A festa é do povo. As ruas do circuito são tomadas pelas pessoas: uns brincam e outros apreciam a festa do Galo e as irreverências dos foliões.

Essa festa carnavalesca possibilita uma série de redes sociais e comerciais em todo o circuito. Embora o sábado seja dia de comércio, os lojistas da área fecham suas lojas para funcionamento comercial e as utilizam como camarotes para funcionários e familiares, que participam da festa jogando serpentinas e confetes nos foliões, que por ali circulam. Além disso, há toda uma rede de vendedores ambulantes, que se posicionam em pontos por onde passa o bloco.

O Galo da Madrugada desfila “pelas estreitas e apertadas ruas do bairro – berço dos primeiros blocos carnavalescos do Recife –, desde 1978” (SILVA, 2013, p. 50). Em sua formação inicial, o bloco tinha uma composição de 75 figurantes, acompanhados por uma orquestra de frevo. No desfile, o espaço central da cidade é apropriado pelo povo, que só pensa em divertir-se como folião. É a apoteose do povo.

Em 1984, o Galo da Madrugada experimentou sua primeira mudança, quando as orquestras de frevo passaram a desfilar em cima de caminhões. Dois anos depois, já era impossível o som das orquestras

alcançar toda a multidão que acompanhava o bloco. Então, se recorreu também aos trios elétricos (SILVA, 2013).

Se, no Recife (Brasil), a apropriação do “galo” deu-se na forma de bloco, abrindo o período oficial do carnaval, em Portugal o galo tem significado oposto: o enterro do galo marca o fim das celebrações do carnaval. Segundo Lopes e Serrano (2006: 15), esse costume “remonta aos rituais pagãos de celebração do Sol, de que o galo é o símbolo por excelência”.

Em algumas cidades e vilarejos portugueses, o ritual do galo toma forma própria (tradição do mundo rural), adotando as seguintes denominações “jogo do galo, corrida do galo, julgamento do galo e testamento do galo” (LOPES; SERRANO, 2006:15), assinalando a comemoração do fim do carnaval com a morte do galo, arauto do sol. O aspecto sociocultural dado ao animal é emblemático, e o caráter solar dessa ave é algo tão divulgado como multifacetada é sua natureza.

Na tradição cultural rural portuguesa, a ambivalência do galo permite-lhe partilhar a natureza arcana de animal solar com o atributo de símbolo da abundância carnal, que proporcionou sua transferência para o período do carnaval. E será precisamente esta última que o tornará vítima privilegiada do fim da fatura carnavalesca, chegado que está o tempo do jejum, a Quaresma, conforme pontuam Lopes e Serrano (2006).

No entanto, além dessa conotação, outros elementos são observados na comemoração do fim do carnaval pelos foliões portugueses, como o hábito de ridicularizar alguém da comunidade ou do vilarejo. Paródias, versos ou qualquer outro tipo de referência pode ser usado para se fazerem críticas a alguém, como ocorre com o avarento, nestes versos: “Os ovos do poleiro / Deixo-os à minha dona / Mais à Zefa da Foz do P’reira / E as minhas penas belas / À filha do Manoel Alves da Monta / Para que faça abanios delas” (Domínio público).

Os autores das paródias, para exprimir a importância do galo, como elemento do quadro físico e cultural da comunidade e da festa carnavalesca, deixa claro que o carnaval é o avesso do avesso daquilo que os escritos acadêmicos querem perpetuar. Algumas estrofes recolhidas de cantigas ao *Enterro do galo* descobrem-se, indícios como estes: “[...] Carnaval é saúde. Quem puder é gozá-lo. Que tristeza chega bem. Para quem ficou sem o galo”.

Embora esse animal apareça sempre como o mote da paródia, nela o recado está implicitamente dado: o carnaval é o ato de se brincar com disposição, trazendo fatos e características do universo rural e seu significado cultural. Portanto é festa, e só vai à festa quem tem saúde, disposição e quer brincar. Logo, comemorá-la representa afirmar que a ela é um ato de desprendimento social e de “feição idealista e delirante” (DIAS, 1907, p. 144), não de transgressão como se refere Duvignou (1977).

Outras críticas parecem misturar-se aos conteúdos, às reflexões, ao cotidiano sociopolítico. Numa das cantigas do enterro do galo (de 1985) é possível apreender a seguinte situação: “[...] Vamos entrar para C.E.E. E ganhar um dinheirão. Exportar os buracos. Das ruas sem alcatrão” (LOPES; SERRANO, 2006, p.114).

A festa do enterro do galo só se completa com a refeição, que é o almoço. Ernesto Veiga de Oliveira em *Manjares cerimoniais do Entrudo em Portugal*, coloca os ingredientes do prato: “orelheira e pé de porco,

galinha, vitela e todas as demais carnes”. Em Lisboa, a carne de porco parece ter sido o manjar próprio do carnaval já no século XVIII (OLIVEIRA, 1957, p. 8).

A lógica do carnaval é posta, a princípio, pelos “significados das diferentes formas de vivenciar a festa e das interrelações existentes, por vezes camufladas, que pode ser mais um dado a contribuir para compreensão da lógica do real funcionamento e constituição dessa rede complexa que caracteriza as relações sociais” (BRITO, 2005).

Se os foliões do Galo da Madrugada festejam a festa carnavalesca na abertura do grande festejo, os foliões portugueses fazem a festa, enterrando o galo, pomposamente e fazendo graça de seus contrerrâneos. Enfim, é o espírito da festa, a irrevarência.

O Carnaval de Lisboa em sua dinâmica

As revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX tiveram um efeito significativo nas celebrações do carnaval na Europa. Com o desenvolvimento de uma nova estrutura de classe e a afloração da burguesia, as festas começaram a ser organizados diferentemente e a tomar novos significados.

A classe média os entendeu como eventos cívicos e democráticos que ajudariam “a moldar a identidade de suas cidades e vilas. Os bailes de carnaval agora eram abertos a qualquer um que quisesse comparecer e as paradas de rua tornaram-se mais estruturadas com grupos de diferentes vizinhanças ou ligas de trabalhadores, competindo entre si para as melhores performances, vestuário, dança, etc.” (LIMA, 2001, p. 40).

Na primeira metade do século XIX, a festa carnavalesca, em Lisboa, em contraponto aos festejos de rua, era desorganizada. Então começa a acontecer os bailes, nos teatros ou no Cassino Lisbonense, destinados à burguesia. Ao longo do século, o carnaval de Lisboa foi definindo, enquanto nos arredores as comemorações eram cada vez interessantes e participativas. Fins do século XX o carnaval ressurgiu em Lisboa, mas só na primeira década do século XXI é que os lisboetas começam a ir às ruas da capital, para assistir ao desfile carnavalesco. A Praça do Município, no coração de Lisboa, era então o palco da concentração do desfile de bandas musicais e de foliões, que percorriam as principais ruas da cidade até o ponto central: a histórica Praça do Rossio.

Em 2010, o carnaval de Lisboa apresentou como enredo/tema “o que o povo é e o que o povo pode ser” / “o que não anda nem para trás nem para diante” (EGEAC, 2010), atraindo os lisboetas para a festa, que tem como dia maior a terça-feira (conhecida como terça gorda). É importante verificar que a estrutura do evento carnavalesco desse espaço se diferencia da do outro em análise – Recife –, pois neste os festejos duram oficialmente três dias, enquanto em Lisboa só a terça-feira é o dia oficial da festa carnavalesca, mas desde o sábado as repartições e outros setores já não funcionam.

Em Lisboa, a festa é organizada pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural – EGEAC. No Brasil, a ação das prefeituras municipais é promover a organização da festa, subsidiando as

agregações carnavalescas que se inscrevem para participar. Elas desfilarão em espaço pré-fixado, ou seja, em polos e em circuitos.

Ao refletir-se sobre as festas/eventos como palcos de representações sociais de uma sociedade ou um grupo, tem-se claro que a representação é uma forma de conhecimento. Isso leva à compreensão de que as representações sociais seriam o arcabouço da vida social e de que as festas são, sem dúvida, tramas elaboradas do divertimento, com caráter relacional, tanto no que diz respeito a indivíduos como a grupos sociais. Assim, os fenômenos sociais revestem as representações de caráter concreto e inteligível.

O espaço da representação personifica a instância da experiência contextualizada do sujeito. Trata-se de um espaço simbólico, que perpassa o espaço visível e o projeta no mundo, articulando-se ao espaço da prática social e de sua materialidade. Pois o espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas, sim, o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. Ele é concebido como o poder universal de suas conexões (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 258).

O espaço de representação é o reino da esfera consensual, a expressão da esfera reificada da consciência coletiva, especialmente no momento em que o atributo de ser uma coisa se torna típico da realidade objetiva. A prática cotidiana é a própria representação, e sua expressão é o condicionamento do poder exercido. Sendo o lócus da ação e das situações vividas, o espaço de representação é, essencialmente, o espaço vivo, no qual o homem engendra atitudes socioespaciais, no sentido de conferir efetividade e disposição à festa.

As tradições carnavalescas são mistos de paganismo e de religiosidade. Assim, na preparação para a Quaresma, o carnaval português atrela-se aos ritos pagãos ligados à celebrações da natureza, sobretudo de começo da vida purificada na primavera, com a morte das culturas antigas e o germinar das novas. Por isso está enraizado no arcabouço cultural português o enterro de uma personagem, de um animal ou de uma coisa comum – por exemplos, o enterro do galo, o enterro do bacalhau –, para que depois se celebre a vida, com danças, cortejos, muita cor, luz e música. Dessa forma, vislumbram-se os motivos da morte, que se projetam da festa da vida que é o carnaval. Associado, surge um julgamento que funciona como sátira à imposição eclesiástica de abstinência no jejum durante a Quaresma.

O poder da criatividade característica do carnaval exemplifica o modo como essa forma de arte pode ser interessante na vida dos grupos sociais, na celebração daquilo que os torna diferentes, por poderem comemorar a festa carnavalesca, livre das amarras, em seu espaço cotidiano.

A festa, como expressão sociocultural que é, reproduz, no campo simbólico, inúmeras facetas da realidade social. Daí, sob esse signo, coexiste e relacionam-se diferentes realidades, estabelecendo-se redes de sociabilidade, por vezes, complexas. A apreensão dos significados das diferentes formas de viver a festa e das inter-relações nela existentes pode ser mais um dado a contribuir para o entendimento da lógica do real funcionamento e da constituição dessa rede complexa que caracteriza as relações sociais (BRITO, 2005, p. 314).

O carnaval, na apreensão do simbólico, passa pela não desvalorização da influência que os mitos exercem nas formas de atuação, nomeadamente na sociabilização festiva. E, sobretudo, personifica essa lógica, quando estimula uma feitura diversional condicionada ao tempo real de vivência.

Em princípio, os portugueses tendem a apresentar parca identificação com o carnaval, embora seja possível assimilar, nas alusões e entrelinhas, o saudosismo de uma festa que já não se faz na contemporaneidade. O tempo é outro, diferente: o carnaval tradicional dos tempos passados, já não se coaduna com o do tempo presente, pois, por mais irreverente que seja a festa carnavalesca, está em processo de transformação. Quase não se veem foliões fantasiados a desfilar pelas ruas, indo ao corredor da folia ou aos bailes. O saudosismo é uma situação criada pelo outro (o admirador, o folião), para fomentar o imaginário carnavalesco, popularizado pela festa.

Entretanto, pensar o carnaval em Lisboa é reconstruí-lo num tempo de diferentes marcações, que se expressam segundo uma ordem ou arranjo socioespacial referendada por significado elaborado pelo povo. Então, como é concebido o carnaval em Lisboa? O período carnavalesco, por essas terras, ocorre em fins da estação de inverno, o que parece pouco favorável à festa de rua, conforme alguns incautos críticos. No entanto, mesmo com temperaturas fresquinhas, veem-se pessoas a se apresentarem com espontânea alegria, divertidas, esbanjando irreverência ao brincar o carnaval, fazendo a festa.

Contudo, em cada espaço específico, evento carnavalesco tem sua própria dinâmica, o que o torna diferente e expressivo. Inconfundível é, assim, a festa carnavalesca, no tempo e no espaço, pois promove deslocamentos dos espaços normais. No período carnavalesco, passa a existir “uma temporalidade acelerada, vibrante e invertida [...]”. Nas festas, as “ações podem acontecer simultaneamente sem haver uma separação entre elas e os espaços onde, normalmente, ocorrem”, acentua Damatta. É que, quando se está a brincar o carnaval, acelera-se “o tempo de modo radical, namorando, noivando, casando e divorciando-me de uma pessoa, tudo isso no mesmo espaço de algumas poucas horas em que a festa transcorre” (DAMATTA, 1997, p. 41-42).

O rito carnavalesco tem uma dupla marca: a do mito e a da sociedade. É nesta que esses dois mundos se interpenetram. O mito apresenta o carnaval como oportunidade em que é permitido abolir todas as regras (FERREIRA, 2004; BRITO, 2005). Mas a festa carnavalesca e a sociedade estão na ordem das coisas, ou seja, na ordem do vivido. Nessa perspectiva, a contradição está antes, entre a sociedade e o mito (BRITO, 2005). Os ritos do carnaval são as práticas carnavalescas, que podem refletir diálogos e tensões da sociedade que os produz. Qualquer rito, assim como o mito carnavalesco, tem sempre uma dupla marca: a do mito e a da sociedade

As práticas e os significados da festa carnavalesca, como expressão de uma realidade, estão sujeitos à perspectiva de inversões sociais momentâneas do imaginário coletivo.

A ascendência do carnaval moderno é percebida quando Lisboa e o Porto atendem às exigências das autoridades quanto à regulação da festa. Era preciso ter “à semelhança de Nice e Veneza, uma nova Festa do Momo” (BRITO, 2005, p. 327). Inicia-se, uma nova era socioespacial do carnaval português. Lisboa instaura, então, o novo modelo, com desfiles em carros abertos, o chamado “curso carnavalesco, no qual

desfilavam carros alegóricos e grupos carnavalescos [...]. Este curso integrava-se no programa das festas carnavalescas organizadas, em Lisboa, pela Associação de Imprensa. [...] a desfilarem na Avenida da Liberdade – chamado Carnaval da Avenida” (BRITO, 2005, p. 326).

O objetivo dos editais oficiais do Governo local e da Associação de Imprensa era transformar o carnaval, ou seja, “imprimir organização e imposição” nos principais dias da folia. Surgia, assim, o que viria a ser denominado de “carnaval civilizado”(BRITO, 2005, p. 326). Os eventos vão se sucedendo no tempo e a tradição se renova sob novos moldes: os blocos desfilam sob novos ritmos, embora ainda existam aqueles cujo foco são as marchinhas tradicionais. Os fantasiados eram encontrados no circuito elaborado para o desfile. É que a festa passou a ser apropriada pelo poder público, porém territorializada pelos foliões e admiradores.

As máscaras, as serpentinas e os confetes são símbolos do carnaval e, ao mesmo tempo, adereços de representação da festa. O que iluminam e estabelecem elos do velho com o novo, no engendramento da festa carnavalesca.

O espraiamento do carnaval em cidades, concelhos e vilas de Portugal tende a garantir a sobrevivência dele. Em Lisboa, a sobrevivência é “garantida” pela gestão da Câmara Municipal, estimulando a participação de “agremiações”, que sustentam a magia da festa. A dinâmica espacial do carnaval português pode estar caracterizada por esse espraiamento em diversos espaços do território: Ilha da Madeira, Torres de Vedras, Sesimbra, Nazaré, Lisboa e tantos outros, que se diferenciam entre si, pela forma de fazer a festa. Cada lugar é entendido como espaço de ação, onde os foliões brincam a seu modo e a sua irreverência, haja vista que o espírito da festa de Momo caracteriza-se pela máxima brincar e se divertir.

Por razões específicas, o carnaval de Lisboa se apresenta de acordo com a concepção da comunidade e do grupo local que incorpora a festa. Nesse compasso, o arranjo carnavalesco realiza-se através de desfiles – de escolas (dos alunos da educação formal); das associações da vila, da freguesia e da cidade; de carros alegóricos; das escolas de samba; das matronas (homens mascarados de mulher); dos cabeçudos (bonecos gigantes) e de agremiações carnavalescas animadas musicalmente por uma orquestra, uma banda, ou tão somente por um de carro de som; ou, ainda, por um grupo de pessoas fazendo percussão com toques em tambor e outros instrumentos, ritmando os foliões freneticamente.

Nesses lugares, os carnavais, em suas especificidades, atraem foliões e admiradores, que resgatam o sentido da festa carnavalesca buscando reviver os carnavais antigos ou definindo uma sua nova forma de brincar o carnaval.

A essência do carnaval – significados e diferentes lógicas

O carnaval se estabeleceu não como um tipo de festejo único (seja de inversão, de deboche ou de exagero), mas, sim, como um período do ano definido pela Igreja católica, como o que antecede “os quarenta dias de penitência quaresmais. As camadas populares se esbaldavam então, numa espécie de excesso, para compensar os dias de carência de comidas” (SILVA, 2013).

Para Ferreira (2004, p. 68), “As festas que aconteciam no período carnavalesco tinham um caráter eminentemente popular por uma razão simples: era o povo que devia obedecer rigorosamente às limitações da Quaresma”. Daí, pode-se inferir que só nos dias gordos (do domingo à terça-feira) o povo festeja de modo insólito, livre das amarras sociais, “dando a impressão de que ele controlava a situação naquele período”.

Foi no século XIX, exatamente, que se estabeleceu a ideia de evolução da festa carnavalesca. Para a “elite parisiense, tal processo culminaria que seu carnaval seria o verdadeiro e legítimo herdeiro de um festejo milenar. Todo o resto, ou seja, tudo o que não estivesse incluído em seu conceito de carnaval, era por ela considerado como não-carnaval” (FERREIRA, 2004, p. 68).

Essa interpretação também se daria em Portugal. Nas comemorações do carnaval, ou do entrudo, os festejos adquiriram características próprias, com marcado gosto pelas lambanças e pelo consumo de famosas filhoses, espécies de doce frito, feito com ovos, farinha e outros ingredientes. Os carnavais de Lisboa, nos séculos XVIII e XIX, caracterizavam-se por apresentarem brincadeiras agressivas, com arremesso, nos passantes de ovos, farinha, água, tremoços etc. (CÂNCIO, 1947).

Autores, como Carmo (1943), Câncio (1947), Brito (2004) e Torres et al. (2006) consideram que a festa carnavalesca realizada em Lisboa em fins do século XIX e até meados do século XX, era grotesca. Em 1922, precisamente em fevereiro, o chefe do distrito de Lisboa promulgou um edital que determinava:

“1º São permitidos folguedos carnavalescos, [...], sendo proibida nas ruas ou praças públicas fazer uso de máscaras; 2º É proibido arremessar das casas e ruas, líquidos ainda que por meio de bisnagas, [...] que possam molestar, incomodar ou manchar o vestuário.”

O carnaval de Lisboa definiu. O reinado carnavalesco acabava, mas “O velho soberano cahido não se rendeu sem batalhar. Batalhou. Jogou os últimos tremoços contra a polícia e só se entregou depois de despejadas as bisnagas e o derradeiro cartuxo azul de pó de gomma” (DIAS, 1907, p. 144).

Logo, no carnaval desse tempo (fins do século XIX e início do século XX), em Lisboa e áreas circunvizinhas, o agito eram a apresentação de concursos no Coliseu dos Recreios e na Praça dos Touros (Algés) e as danças dos grupos, que faziam suas apresentações para a população local. No domingo magro, já se viam nas ruas inúmeras máscaras, usadas por crianças.

A cultura carnavalesca em Lisboa era vivida nos teatros. Todos eles abriam suas portas para os bailes de máscaras. Carmo (1943), em *Evocações do passado*, faz referência à importância dos teatros na panorâmica e na construção sociocultural da festa carnavalesca na capital lisboeta. Tinham uma gestão atrativa, para o período carnavalesco e, quem dispunha de condições econômicas participava da festa delirantemente. É o que se apreende da descrição de Carmo, ao se referir aos teatros.

O Coliseu era freqüentado por “um público misto, modesto e retintamente popular”; o Teatro de Dona Maria, contava com “freqüentadores [...] do estilo burguês civilizado, que nunca faltavam àqueles bailes impecáveis”; o Teatro de Dona Amélia era freqüentado pela “mocidade dourada e castiça, de sangue azul de nascença, mas vermelha da juventude”; o Teatro de São Carlos, freqüentado pela “família Real e

toda a corte, marcava com as festas carnavalescas a nota alegre da nobreza dessa época, quanto ao riso e folguedo” (CARMO, 1943, p. 102-104).

Os bailes de máscaras também eram realizados nos teatros do Ginásio, Príncipe Real e Avenida, “só para o pessoal dos referidos teatros e convidados da intimidade dos empresários” (CARMO, 1943, p. 106). Até certa hora da noite, todos estavam a trabalhar; por tal razão, os bailes iniciavam-se pela primeira hora da madrugada. Com essa estratégia de organização, estava garantido o divertimento aos trabalhadores foliões.

Conclusão

A cultura da festa carnavalesca expressa características peculiares do modo de vida da sociedade e, por consequência, do espírito e do envolvimento do folião. Detecta-se isso, tanto em Recife (Brasil), como em Lisboa (Portugal), marcados pelos bailes em clubes de categorias diversas e sociedades musicais. Além de que o carnaval do Recife sempre marcou a rua, como seu espaço preferencial, no ritmo do frevo.

A construção cultural do carnaval lisboeta torna-a uma festa quase fechada ao público, enquanto que no Recife sua comemoração é sentida, percebida, dentro e, especialmente, fora dela. A percepção que se tem da comemoração do carnaval lisboeta, que há intenção de desabrochar para via pública. Mas ele não se efetiva, como festa/evento popular.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, João F.; PINTO, José M. *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1976. 163p.
- BRITO, S. O carnaval e o mundo burguês. *Revista da Faculdade de Letras - História*, 2005, serie 3(6): 313-338.
- CÂNCIO, Francisco. *Lisboa de outros séculos: cem anos de pitoresco*. In: Coleção Olisiponense Vieira. Lisboa: Imprensa Baroeth, 1940, p. 233-465.
- CARMO José. *Evocações do passado*. Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade: Lisboa, 1943. 279p
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Edições melhoramentos, 1979. 811p
- CHAVES, José M. Ei, carnaval. (Letra da canção – Hino do Galo). Recife, 1979.
- COSTA, Elaine C. A. *Trabalhando na festa: os ambulantes no carnatal*. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) - CCHLA, UFRN, Natal, 2002. 121f.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Roco, 1997. 140 p.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. 235p
- FEREIRA, Luiz Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 421p

_____. O Lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, n. 15, jan./jun, p.7-21, 2003.

FERNANDES, António T. *Para uma sociologia da cultura*. Porto: Campo das Artes, 1999. 321p

FUNДАРPE. *Parcerias e diversidade cultural marcam Carnaval de Pernambuco em 2010*. Recife, 2010.

LIMA, Cláudia M.A.R. *Carnaval de Pernambuco*. Recife, 2003. Site: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorn.m.s.presentation>>. Visitado: 10/09/2011.

_____. *Evoé – história do carnaval: das tradições mitológicas ao trio elétrico*. Recife: Editora Raízes Brasileiras, 2001. 202p.

LOPES, A; SERANO J, M. *O Enterro do Galo: um estudo sobre as celebrações do fim do carnaval*. Chamusca: Edições Cosmos, 2006. 97p.

SILVA, Anelino F. da. *Festas geográficas: de carnavais a eventos juninos e populares*. Natal: EDUFRN, 2013. 167p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins fontes, 1994. 662 p.

PEREIRA, Leonardo A. *O Carnaval das letras*. Rio de Janeiro: secretaria de Cultura, 1994, 234 p.

ABRASEL. Recife recebeu 706 mil visitantes no Carnaval de 2010. Disponível: www.pe.abrasel.com.br. Acesso: 27 de março 2011.

EGEAC. Festas de Lisboa, 2010. Disponível: www.egeac.pt/people.php. Acesso: 05 de novembro de 2011.